

Fernando Molica

Kassab e o partido dos 15%

Presidente-dono do PSD, Gilberto Kassab abriu o jogo. Em evento do Bradesco disse que achará ótimo se seu candidato à Presidência, Ronaldo Caiado, conseguir 15% no primeiro turno, o que daria ao seu partido um grande poder de barganha na hora de oferecer apoios na rodada decisiva: “São 15% que nós vamos chamar alguém, porque essa alternativa ela é séria, e falar: ‘olha, nós vamos apoiar porque nós queremos isso, isso, isso’”.

A reiteração do “isso” é, até para maus entendedores, uma versão resumida e atualizada do trecho da oração de São Francisco de Assis apropriado — ó pecado mortal! — pelo ex-deputado Roberto Cardoso Alves, o padroeiro e definidor do Centro: “É dando que se recebe”.

O perfil de Caiado, desde sempre alinhado a posições radicais de direita, proíbe qualquer possibilidade de um eventual apoio a Lula (PT) no segundo turno.

Mas nada impede que o PSD, mais uma vez em nome da governabilidade, dos grandes interesses do povo brasileiro — ou de qualquer uma outra baboseira — migre para o palanque do presidente. O ex-governador de Goiás demonstraria sua preferência pelo senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ), e a vida do PSD seguiria em paz e sem atropelos.

Kassab é tão bom nisso que, a seis meses da eleição, tem correligionários fechados com Lula e com Flávio — com jeito, isso tudo vai. Como ele próprio já resumiu, seu partido não é centro, de esquerda ou de direita, define-se pela negação de princípios ideológicos e pela afirmação de busca de oportunidades: é isso, não custa repetir.

Mestre no milagre da multiplicação de pés capazes de embarcar em quantas canoas houver dis-

poníveis no cais do poder, Kassab, até outro dia, era um forte integrante do governo de Tarcísio de Freitas (Republicanos), o preferido de boa parte da direita para duelar com Lula. A posição em São Paulo não impediu o PSD de comandar três ministérios do governo petista.

Kassab é radical na sua capacidade de conciliar, de fazer um jogo de ganha-ganha. Ao bancar o lançamento de um candidato presidencial, ele, diferentemente do que poderiam pensar os que não entendem disso, não brigou com nenhum dos dois que lideram as pesquisas. Apenas tratou de arrumar um bom lugar para, lá na frente, negociar seu apoio — isso, isso, isso.

A postura do ex-prefeito paulistano não chega a ser novidade no país do MDB, mas ele conseguiu o que parecia impossível: radicalizar a falta de compromisso.

O arranjo emedebista sempre foi outro, menos centralizado, vinculado principalmente às lógicas regionais. O PSD de Kassab respeita as opções de lideranças estaduais, mas deixa claro que questões nacionais são com ele — deixa isso comigo, parece dizer.

Faz isso tudo com tanta competência que não atraiu sequer um ódio histórico da esquerda ao largar o governo Dilma Rousseff — era ministro das Cidades — às vésperas da Câmara dos Deputados deflagar o afastamento da então presidente. Na sua avaliação, era isso que precisava ser feito.

Nos últimos meses, fez críticas pontuais a Lula e a Bolsonaro-pai, era preciso justificar o lançamento de um candidato ao Palácio do Planalto. Mas não falou nada que pudesse invisibilizar o apoio ao petista ou ao primogênito do ex-presidente. No fim das contas, é isso que importa.

Tales Faria

Clã Bolsonaro admite negociar, mas sem dar poder a Kassab

Não surpreenderam à família Bolsonaro as declarações do presidente nacional do PSD, Gilberto Kassab, de que pode negociar, no segundo turno das eleições, o apoio do partido a um candidato a presidente da República de outra legenda.

Kassab afirmou, durante um evento do banco Bradesco em São Paulo, na terça-feira (7), que se o pré-candidato a presidente da República pelo PSD, Ronaldo Caiado (GO), atingir 15% dos votos no primeiro turno das eleições “está ótimo”, porque dará ao partido poder de negociação no segundo turno. Disse o presidente do PSD:

“É muito importante para o Brasil essa alternativa, nem que fosse para perder. [...] Vão falar: ‘mas não vai para o segundo turno’. Bom, mas se não for para o segundo turno, e eu acho que pode ir, mas se tiver 15%, ótimo. São 15% que nós vamos chamar alguém, porque essa alternativa ela é séria, e falar: ‘olha, nós vamos apoiar porque nós queremos isso, isso, isso.’”

A pesquisa Meio/Ideia divulgada nesta quarta-feira, 8, apresentou no cenário estimulado de primeiro turno o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) com 40,4% das intenções de voto para o Palácio do Planalto e o senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ), com 37%. Ronaldo Caiado ficou mais distante, em terceiro lugar, com 6,5%. Renan Santos (Missão) e Romeu Zema (Novo) empatam com 3% cada, e Aldo Rebelo (DC) marca 0,6%. Brancos e nulos somam 1%, e o eleitorado indeciso é de 8,5%.

A pesquisa ouviu 1.500 pessoas em todo o

Brasil, de sexta, 3, até esta terça, 7, por meio de entrevistas telefônicas. O intervalo de confiança é de 95%. O levantamento está registrado no TSE (Tribunal Superior Eleitoral) sob o protocolo BR-00605/2026.

A permanecerem essas colocações após a abertura das urnas em outubro, Caiado de fato não estará no segundo turno. A expectativa no PL é de que ele não terá outra alternativa que não seja a de apoiar Flávio Bolsonaro. É aí que Kassab pretende negociar, acreditam os bolsonaristas. Mas a família do ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) acha que, se Flávio vencer as eleições, o presidente do PSD irá se considerar sócio do futuro governo.

“O Kassab é guloso, vai pedir demais”, disse Flávio a um senador aliado, “mas não vamos entregar o poder a ninguém. Se vencermos é para governar”.

Na verdade, Gilberto Kassab sabe que nunca gozou da simpatia do ex-presidente Jair Bolsonaro e seus filhos. A negociação tende a ser difícil. Mas Ronaldo Caiado tem proximidade com o clã, embora ele e Bolsonaro não cheguem a ser amigos. Bateram de frente diversas vezes, inclusive durante a pandemia da Covid-19. O médico Caiado defendeu vacinação ampla e o então presidente praticamente boicotou as campanhas. Mas, ideologicamente, Caiado dificilmente apoiaria o petista Lula.

Já Kassab tem boa relação com o atual presidente da República. Poderá oferecer o apoio do PSD no segundo turno. Só terá que driblar resistências internas no partido.

Uma responsabilidade que não pode esperar

O Brasil, detentor de uma das maiores biodiversidades do planeta, enfrenta desafios ambientais que exigem ação imediata e políticas públicas consistentes. Desmatamento, poluição de rios, queimadas e exploração desenfreada de recursos naturais não são problemas isolados, refletem decisões humanas e estruturais que impactam diretamente o clima, a economia, a saúde e a qualidade de vida da população.

As políticas de preservação ambiental devem ir além de decretos e discursos. É necessário planejamento estratégico, fiscalização rigorosa e incentivos a práticas sustentáveis, tanto na agricultura quanto na indústria e no setor urbano. O fortalecimento de órgãos ambientais e o uso de tecnologias de monitoramento são ferramentas fundamentais para combater ilegalidades, reduzir impactos nocivos e preservar ecossistemas essenciais ao equilíbrio do planeta.

A preservação também está intrinsecamente ligada à economia. Setores como turismo ecológico, agricultura de baixo impacto e energias renováveis geram empregos, renda e oportunidades de inovação. Ignorar a proteção ambiental é comprometer não apenas ecossistemas, mas também a competitividade econômica do país no longo prazo. Países que investem em sustentabilidade atraem investimentos internacionais, reduzem vulnerabi-

lidades frente às mudanças climáticas e conquistam reconhecimento global por suas políticas ambientais.

Além disso, políticas públicas bem estruturadas promovem justiça social. Comunidades tradicionais e populações indígenas dependem diretamente da conservação de florestas, rios e terras férteis. A degradação ambiental ameaça seus modos de vida, limita o acesso a recursos naturais e expõe essas populações a riscos sociais, econômicos e sanitários.

O momento exige ações concretas: regulamentação efetiva, fiscalização ativa e educação ambiental são pilares que devem sustentar qualquer política pública. Incentivar práticas empresariais responsáveis, recompensar iniciativas de preservação e integrar a sociedade em projetos de sustentabilidade são estratégias essenciais para transformar consciência ambiental em resultado prático, tangível e duradouro.

A conclusão é inequívoca: proteger o meio ambiente não é apenas uma obrigação moral, mas um investimento estratégico no futuro do país. Cada hectare preservado, cada rio limpo e cada política bem aplicada representa proteção para a biodiversidade, oportunidades econômicas e garantia de um planeta habitável para as próximas gerações. O tempo para agir é agora, e a ação não pode mais esperar.

Opinião do leitor

Pentecostes

Nós continuamos a celebrar e a viver a Páscoa até Pentecostes. O Tempo Pascal é estendido por mais cinquenta dias até o domingo de Pentecostes. Neste período são celebradas três grandes festas: a Páscoa ou Ressurreição, a Ascensão e a Descida do Divino Espírito Santo (Pentecostes).

*José Ribamar Pinheiro Filho
Brasília - Distrito Federal*

Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929) • Paulo Bittencourt (1929-1963) • Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Cláudio Magnavita (Publisher)
claudio.magnavita@gmail.com

Redação: Gabriela Gallo, Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima (Coordenador editorial)

Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil
Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação), Anderson Sã e Thiago Ladeira

Telefones: (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872
Whatsapp: (21) 97948-0452

Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Melo Neto 850 Bloco 2 Conj. 520
Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057

Brasília: ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Núcleo Bandeirantes
Brasília - DF CEP 71736-20

São Paulo: Av. Francisco Matarazzo, 1752, sala 2317, Água Branca - São Paulo-SP - CEP 05001-200
Campinas: Avenida Aquidabã, 766, Sala 51, Centro - Campinas-SP, CEP 13010-132

www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.